

mente o instante de partir, alimentando o amor fraterno. Com este sentimento, a morte se nos transforma em amiga, em libertadora, em fonte de felicidades: não o "desengano", nem a "amarga solidão" encontra o Espírito, ao transpor o limiar do Espaço, senão o prêmio da virtude e a companhia de amigos que o esperam de braços abertos. Vencemos, assim, a morte e o horror que geralmente nos causa seu espectro.

— /// —

Soneto IX

3-12-1946

*Que o menestrel ditoso não consiga
Exaltar o esplendor que a morte vela;
Cale meu ser as maravilhas dela,
Rude madrasta! Mãe piedosa e amiga!*

*Sua destra de sol horrenda e bela,
A emergir do albornoz de treva antiga,
Traz a foice que indômita castiga,
Fere, humilha, golpeia e desmantela.*

*De Têmis implacável, que não dorme,
Anjo e monstro, prossegue, sem repouso,
Duro alfange a brandir no campo enorme.*

*Ao seu olhar sublime e doloroso,
A frente de seu gládio multiforme,
Reconforta-se a dor, padece o gozo.*

Continua considerando o tema da morte, cujas maravilhas confessa o poeta ser incapaz de decantar. O genial vate aproveita o tema para mais um dos seus contrastes, como: "rude madrasta, mãe piedosa e amiga", "destra de sol horrenda e bela", "olhar sublime e dolo-

roso". A todos a Parca vigilante olha com inflexível justiça, que eleva a dor e pune o gozo material: premia o bem, castiga o mal.

Note-se a semelhança entre os dois últimos versos do segundo quarteto com os seguintes, também os dois últimos, da 51.ª estrofe do Canto III, d'"Os Lusíadas":

*"Mas o de Luso arnês, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha."*

E, outrossim: compondo soneto, ainda aqui na Terra, no qual se refere às olorosas palmas do Bem e aos cardos aculeíferos do Mal, o mesmo gigante poeta nos dá viva demonstração da sua crença num Ente Supremo. Eis esse soneto:

*"Os milhões de áureos lustres coruscantes
Que estão da azul abóbada pendendo:
O sol, e a que ilumina o trono horrendo
Dessa que amima os ávidos amantes:*

*As vastíssimas ondas arrogantes,
Serras de espuma contra os céus erguendo,
A leda fonte humilde o chão lambendo,
Loureando as searas flutuantes:*

*O vil mosquito, a próspera formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo o que há Deus a confessar me obriga.*

*E para crer num braço, autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da fé, mas da razão me ajudo."*

Soneto X

4-12-1946

*Pobre vate de vão merecimento,
Que viveste a esbanjar talento e rimas,
Foge ao sonho mendaz que desestimas,
Nem procures Harpias do Tormento.*

*Chora, Bocage, a perda que lamento
— O desprezo do tempo em vários climas,
Dura lembrança que também lastimas,
Na paz buscando imoto esquecimento.*

*O que é da Terra, clama, tudo passa:
Tanto a flor veludosa da Ventura,
Quanto o acerado acúleo da Desgraça.*

*De Citereia fuge a formosura;
E enquanto o escrínio vil é dado à traça,
Os empíreos vergéis a alma procura!*

O poeta lastima o esbanjamento de seu talento e de suas horas. Tudo isto, clama-nos, lhe foi sem proveito, pois tudo é fugidio neste planeta, onde ilusórias são a